A INJUNÇÃO CLIQUE-*LINK* COMO FORMA MATERIAL NO INFOGRÁFICO ELETRÔNICO: TRAJETOS DE LEITURA

Silvia Regina Nunes[1]

Na pesquisa que venho produzindo sobre o infográfico, minha posição é a de compreendê-lo enquanto discurso, ou seja, efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1997). E sendo discurso, abre-se a possibilidade de compreender sua forma material (ORLANDI, 1990), aquela que não é só linguística (um funcionamento formal, abstrato) e nem somente empírica (com seu conteúdo-produto), mas é, sobretudo, forma junto com conteúdo, processo histórico de significação em que o sujeito, a história e a linguagem, estão materialmente pensados e implicados.

O discurso infográfico é o objeto que me faz olhar para a leitura de outra maneira, observando outras práticas, e de antemão já posso afirmar: trata-se de um objeto que instaura contradição (GADET e PÊCHEUX, 2004). É um material composto por escrita tipográfica, imagens (desenhos, traços, fotografias, vídeos), sons, tabelas-gráficos, etc. Multiformas organizadas que se relacionam pela-na incompletude (LAGAZZI, 2009).

Neste texto, proponho uma discussão sobre o que estou designando como injunção clique-*link*, no qual o gesto específico de clicar nos *links* que aparecem no infográfico suscitou alguns questionamentos: Como é a relação clique-*link* no infográfico? Como funciona a leitura nessa relação?

Na problematização do que ocorre na relação clique-*link*, tenho pensado que a reconfiguração da noção de texto conforme proposta por Orlandi (2005) é um ponto central, principalmente na relação com a noção de hipertexto. Segundo estudiosos da teoria da informação e da computação, é a noção de hipertexto, e em extensão as de *hiperlink* e *link*, que sustentam as práticas de leitura do ciberespaço. Para Levy (1993, p. 33), "tecnicamente, um hipertexto é uma rede composta de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens ou partes de imagens, sequências sonoras, referência a documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos". O autor salienta que os nós não estão ligados linearmente, mas que cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Apesar do grande destaque dado ao estatuto do hipertexto, o que quero destacar é que o funcionamento do hipertexto se dá através de referências específicas denominadas *hiperlinks* (ou simplesmente *links)*, os quais funcionam, exclusivamente, pelo gesto de clicar. Este é o destaque que gostaria de fazer em relação ao que proponho como injunção clique-*link***.** O *link* só funciona (só abre) se for clicado, e quem o clica é um sujeito.

Para dizer da injunção clique-*link,* proponho para a palavra injunção, recorrendo à etimologia latina e ao discurso jurídico, o sentido de obrigatoriedade e pressão das circunstâncias. Mais especificamente, em relação ao *link,* seria afirmar que, obrigatoriamente, pelas condições de produção do discurso eletrônico (ORLANDI, 2010), é impossível o sujeito não clicar.

---

[1] Doutoranda em Linguística pela UNICAMP. Professora da UNEMAT – Pontes e Lacerda – MT.

Morello (2003) assevera que são relações de sentidos que constituem o funcionamento entre definir e *linkar* e sendo assim estes sentidos não se fecham, mas movimentam-se, o que implica pensar as condições de produção dos sentidos nos hipertextos, seus efeitos sobre a navegação e sobre os processos de leitura do sujeito. Para Morello (2003), o imprevisto (aquilo que não se formulou, que poderia ser formulado, que fica silenciado) explode a perspectiva de construção de uma semântica estável afetando os mecanismos de estruturação de *links* e, portanto, das definições possíveis. A autora questiona como, então, na relação com o imprevisto, pode-se sustentar a possibilidade de *links* e definições? Para ela, na perspectiva discursiva, isso supõe colocar em cena o domínio do imaginário de unidade, em suas faces desdobradas com o simbólico e o real. No seu entender, um vínculo/*link* não se faz jamais fora da possibilidade de haver algo imaginariamente definido.

Das considerações de Morello (2003), o que é importante para minha proposta é a compreensão de *link* como um mecanismo discursivo que se desloca de uma concepção estritamente técnica. A autora argumenta que se a proposta de uma ligação/*link* "explicita uma demanda simbólica para se fechar um sentido em um texto, ela explicita também e inseparavelmente, uma abertura por e para um sentido outro que ali faltou". É uma lógica contraditória de abertura/fechamento de sentidos que ai se funda e caracteriza um *link*. Dessa maneira, a analista afirma que menos que uma opção, um *link*/ligação decorre de processos de linearização dos sentidos e marca uma tensão específica de pontuar e deslocar outros sentidos para que um possa ser dito. Nesse funcionamento, o *link,* ao mesmo tempo, mostra e marca a relação do dizer com a heterogeneidade que o constitui, sendo, portanto, um mecanismo discursivo de dupla face.

No que venho pesquisando sobre o infográfico, essa problematização do *link* teve papel fundamental, principalmente para a compreensão dos infográficos que circulam no espaço eletrônico. Observando alguns infográficos eletrônicos tais como: "Insônia" da Revista Veja.com[1] e "Sondas no Universo" da Revista Superinteressante é possível afirmar que, ao se abrir cada um deles, em suas respectivas páginas na internet, nenhum funciona, efetivamente, se não houver um gesto[2] que o coloque em funcionamento, e este gesto é o clique.

No sistema operacional Windows, o mais utilizado atualmente, é possível relacionar-se com o computador sem utilizar o *mouse* ou o *touch pad*[3], mecanismos que funcionam especificamente pelo clique, contudo a relação se daria de maneira complexa o que demandaria o conhecimento de atalhos específicos e refinamento técnico para a utilização do teclado. Por exemplo: a tecla *tab* permite que haja movimentação alternada entre os comandos, as teclas *alt + tab* fazem com que haja alternância entre as janelas abertas, a tecla *esc permite* que se cancele alguma tarefa, as teclas *alt + F4* permitem que se fechem janelas. Estas formas alternativas são formas menos utilizadas no

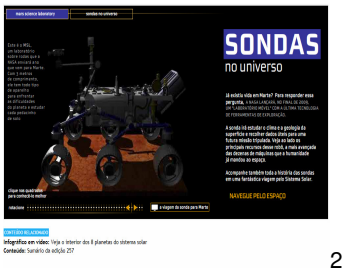
[1] NUNES, Silvia Regina. A formulação em cliques: sujeitos e sentidos no ciberespaço. 1º CIELLI- Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e 4º CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. UEM, Maringá – PR, 9 a 11 de junho de 2010.
[2] Conforme proposto por Pêcheux (1997) em que gesto significa "ato em nível simbólico": tais como assobiar, jogar uma bomba numa assembleia.
[3] Interfaces de entrada do computador.

espaço digital, pois o *mouse* e o *touch pad*, por sua interface acessível, são mais comuns e fáceis de manusear. Embora essas formas alternativas também mereçam discussão, neste momento, foco o clique, buscando compreender a relação entre a técnica e o sujeito.

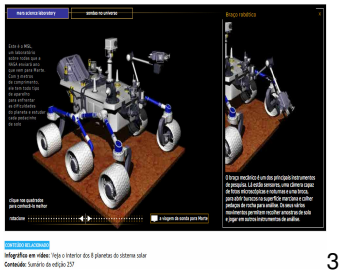
Desta maneira, ao dizer sobre a injunção clique-*link,* parto do princípio de que o clique é uma propriedade da relação do sujeito com a máquina. Propriedade que funda uma evidência: quando se está navegando, lendo em tela, falando com alguém no MSN ou *Facebook* é impossível não clicar! O gesto de clicar tem funcionado como evidente em relação às práticas de leitura da sociedade contemporânea em sua vida digital (NEGROPONTE, 2006). É evidente que se clica com a finalidade de ler o que está no im-previsto do *link*.

O infográfico *Sondas no Universo* da Revista Superinteressante se compõe de duas partes distribuídas em duas telas-janelas (dois momentos!?), respectivamente. Na primeira parte há uma formulação verbal que explica o que é uma sonda espacial, quantas já foram (e ainda serão) lançadas e qual a sua finalidade. Há, nesta formulação verbal, um questionamento (com sua respectiva resposta) para o leitor sobre a possibilidade de existir vida em outro planeta, como por exemplo: "Já existiu vida em Marte? Para responder essa pergunta a NASA lançará, no final de 2009, um 'laboratório móvel' com a última tecnologia de ferramentas de exploração." Este questionamento produz um efeito retórico, visto que as informações possíveis a partir dele já estão disponíveis no infográfico. A pergunta se refere à imagem de uma sonda designada como **robô MSL** (o mais moderno desse tipo, sendo um laboratório sobre rodas) e a explicitação de cada parte da máquina. Para acesso à explicitação de cada parte do robô há a formulação: **clique nos quadrados para conhecê-lo melhor**, e então é necessário clicar sobre cada *link* que mostra tanto a peça a ser explicada, quanto a formulação verbal que a descreve. Há a possibilidade de rotacionar (girar) a sonda para visualizá-la em todos os ângulos e para fazer essa rotação há uma linha serrilhada com duas flechas, uma apontando para a esquerda e a outra para a direita. Para rotacionar a sonda é preciso que o leitor segure firmemente o *mouse* puxando-o para o lado que quiser ver, de maneira detalhada, as peças do robô. Há também um *link* que direciona o leitor para assistir ao vídeo *A viagem da sonda para Marte* disponibilizada pelo Youtube (ao clicar no *link* o leitor é diretamente levado ao site do Youtube, conforme figuras 4 e 5). Há uma simulação da aterrissagem da sonda em Marte, bem como a apresentação de todas as ações que o robô poderá realizar em termos de exploração e pesquisa espacial. A seguir três formas possíveis de visualização da sonda **MSL**, pelo dispositivo que permite a rotação, na primeira o robô visto de frente, na segunda rotacionado em 90 graus, na terceira destacando o braço robótico (com movimento):

1



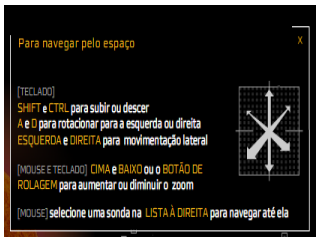
2


3

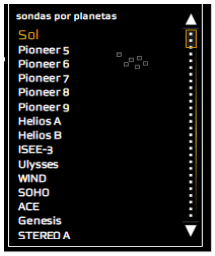
4

5

Para ir para a segunda parte do infográfico é necessário que se clique num *link* designado como **navegue pelo espaço** (conforme figura 1)**.** Nesta segunda tela, sobre a imagem do espaço universal, há um *menu* explicativo (conforme figura 6) que orienta o leitor para a navegação no infográfico, o *menu* apresenta três possibilidades de navegação pelo espaço: com o teclado (conforme explicitei mais acima), com o *mouse* e o teclado combinados e somente com o *mouse*. Essas orientações são determinantes para a leitura do infográfico, pois caso o leitor não consiga manusear o *mouse*, ou navegar pelas teclas, não conseguirá ler as informações sobre as sondas. É apresentada uma linha do tempo (figura 9) que traz a história das sondas espaciais mostrando as datas dos lançamentos de várias, relacionando-as com a localização de cada uma no universo. Relacionando as explicações da formulação verbal com as imagens das sondas e do espaço na formulação visual, o espaço físico do universo é apresentado conforme o imaginário científico em circulação. O infográfico prima pelo detalhamento da organização espacial simulando a representação do universo (figura 10) de maneira a produzir no leitor um efeito de realidade. Também há um *link* logo abaixo do infográfico que ao ser clicado direciona o leitor para assistir um vídeo chamado *No interior dos planetas* em outra janela no próprio *site* da revista (figuras 12 e 13). Nele constam explicações científicas sobre a composição geológica dos planetas.



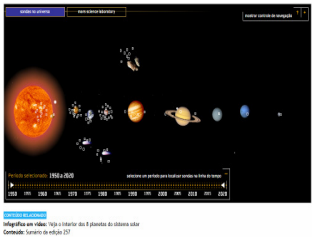
6

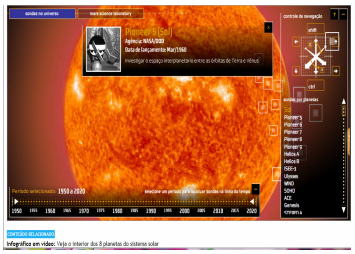


7

8

9

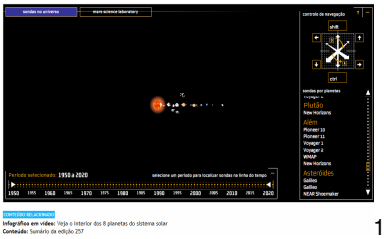

10


11

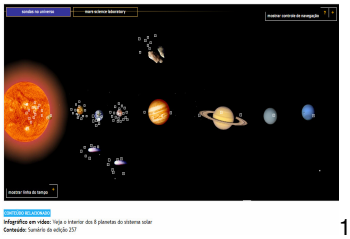
12

13

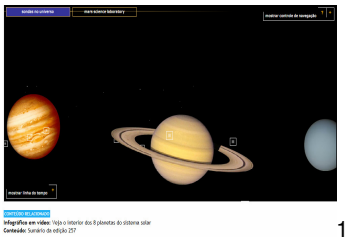
O clique abre a possibilidade de se observar o jogo de perspectiva desencadeado pelo movimento da imagem dos planetas no infográfico, conforme as figuras 14, 15 e 16.



14



15



16

O movimento de vai e vem (próximo ou distante) que o clique engendra, nesta formulação, produz efeitos de perspectiva quadridimensional (x, y, z, t), efeitos, pois as imagens só podem ser visualizadas nas duas dimensões (x, y) que a tela possibilita. O efeito de perspectiva instaura um efeito de completude para o infográfico, pois funciona como se fosse possível ler, ao mesmo, o todo e a parte. A possibilidade de se poder ler em várias perspectivas, inclusive a temporal sustenta-se em Einstein (conf. TAIT, 2005) com a noção de espaço-tempo. Tal noção, determinante na Teoria da Relatividade, explica o modo como essas duas grandezas funcionam juntas e não separadas (conf. Newton) possibilitando uma compreensão diferente da estrutura do universo. O modo de funcionamento espaço-temporal é uma das marcas da qual me ocupo na análise do infográfico e para qual ainda não disponho de uma compreensão consequente nesse momento.

Para o que é possível discutir aqui (devido à limitação de páginas para o texto) a injunção clique-*link*, no infográfico eletrônico, produz-se na e pela relação do sujeito com a máquina, nas condições da vida digital (NEGROPONTE, 2006), pois em outras condições de produção, por exemplo, como na dos primórdios da imprensa, com a prensa móvel de Gutemberg, ou nas da datilografia com suas técnicas de destreza no movimento manual, essa injunção clique-*link* não se produziria. Desta maneira, o clique se produz como forma material no processo de produção da leitura, com a participação de sujeitos determinados pelas condições eletrônicas do ciberespaço.

Em relação à leitura, o movimento engendrado pela injunção clique-*link* na formulação do infográfico, dependerá dos trajetos que se constituirão pelos cliques realizados pelo leitor no ciberespaço. Estes trajetos de leitura apontam para dois modos contraditórios de funcionamento: o primeiro em relação ao trajeto de leitura mesmo, ou seja, a seleção do trajeto realizada pelo sujeito quando lê o infográfico; o segundo em relação aos sentidos instaurados por-nessa leitura. O primeiro produz um efeito pragmático/performativo, pois o leitor do infográfico está, imaginariamente, na posição de selecionar o trajeto que quiser o que se constitui também como um efeito de controle sobre seu percurso. O segundo modo traz algumas questões complexas que tentarei explicitar a

partir do que referi anteriormente sobre o hipertexto. A ideia que circula de que o hipertexto seja uma rede composta por nós ligados por conexões de forma não linear produz o efeito de que essa rede abarcaria todas as informações possíveis na internet e que essas informações seriam infinitas. Contudo, no infográfico, o arquivo (campo de documentos pertinentes disponíveis sobre uma questão) não é infinito, mas sim delimitado pelo gesto de autoria que o administra.

No infográfico *Sondas no universo* tanto a formulação verbal, quanto a da imagem sustentam-se pela circularidade, ou seja, há diferentes *links* que ao serem clicados levam a uma mesma formulação, seja pela palavra, seja pela imagem. Pode-se ler sobre a sonda *Pioneer 5*, por exemplo, tanto pelo clique no *link* que está disponível na linha temporal (figura 9) que restringe a lista de sondas lançadas em determinado período, e no caso coloca historicamente o lançamento desta sonda em 1960, ou pela lista com os nomes de sondas (figuras 7 e 8) disponibilizada em relação aos planetas, satélites, asteroides, cometas e o além. Em todas essas maneiras de se obter informações sobre a *Pioneer 5* (e as demais sondas), a formulação que é acessada pelo *link* é a mesma (figura 11).

O trajeto de leitura realizado pela injunção clique-*link* se constitui produzindo efeitos de quantidade, quantidade que se configura como sendo "sempre o mais do mesmo" (LEGIÃO URBANA, 1987). Este efeito é um dos que sustentam a ideologia da informação, pré-construído do discurso infográfico. Em relação à injunção clique-*link,* é possível dizer que o clique é a materialidade da contradição, pois ao mesmo tempo produz efeitos de completude do-no sujeito e incompletude do-nos sentidos!

REFERÊNCIAS:

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível:* o discurso na história da linguística. Tradução de Bethânia S. Mariani. Campinas: Pontes, 2004.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significante na memória. In: INDURSKY, F. et al. (orgs.). *O discurso na contemporaneidade:* materialidades e fronteiras. São Carlos - SP: Claraluz, 2009.

LEGIÃO URBANA. Mais do mesmo. In *Que país é este?* EMI Music, São Paulo, 1987.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

MORELLO, Rosangela. Definir e Linkar em que sentido? In ORLANDI, Eni (org.) *Para uma Enciclopédia Discursiva da Cidade*, Campinas/SP, CNPq/Labeurb/Pontes, 121-133.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NUNES, Silvia Regina. *A formulação em cliques*: sujeitos e sentidos no ciberespaço. 1º CIELLI-Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e 4º CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. UEM, Maringá – PR, 9 a 11 de junho de 2010.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto:* formulação e circulação dos sentidos. Campinas - SP: Pontes, 2005.

_____. *Terra à vista. Discurso do confronto*: velho e novo mundo. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

_____. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia:* discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade http://www.labeurb.unicamp.br/rua/ .

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

Sondas no Universo. Revista Superinteressante, EDIÇÃO 257, outubro de 2008. Consultoria: Alberto Cairo e Luiz Iria Ilustração e Modelagem 3D: Alberto Cairo; Desenvolvimento: Douglas Kawazu e Fabiane Zambon; Texto: Daniel Schneider; Edição: Rafael Kenski. Disponível em http://super.abril.com.br/multimidia/info_345143.shtml, acesso em 08/08/2011.

TAIT, Marcia. *Viagem no tempo:* teoricamente possível, tecnicamente inviável. In Revista Comciência, n. 72, dezembro de 2005. Disponível em http://www.comciencia.br/reportagens/2005/03/04.shtml. Acesso em 27/08/2011.